

Meningite revela deficiências do Distrito Federal

Da Sucursal de
BRASILIA

Entre os inumeros problemas que assistem a população de Brasilia — transportes coletivos, habitação e alto custo de vida, entre outros — os de saúde e saneamento são, por certo, os que mais interessam no momento a seus habitantes, em vista da epidemia de meningite anunciada para o próximo inverno e que, no ano passado, no Distrito Federal, foi relacionada por especialistas da Codeplan — Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central — às condições socioeconómicas das suas comunidades.

O local onde a meningite atingiu, em 1974, o mais alto índice de ocorrências foi Ceilandia, cidade satélite, com uma taxa de 323,1 casos por grupo de cem mil habitantes. Seguiram-se o Núcleo Bandeirante, Brasilândia, Gama e Planaltina. No plano piloto, a taxa foi inferior a 50 casos por cem mil habitantes.

Este ano, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal ainda não forneceu dados oficiais sobre as origens dos portadores de meningite já registrados no primeiro trimestre, mas informaram que das 355 ocorrências neste período, a maioria provém da Ceilandia, onde não há redes de esgotos e a água é insuficiente para atender à população.

Em 1973, a meningite foi a quinta causa mais importante da mortalidade no Distrito Federal, baixando, no ano passado, para o quarto lugar, precedida apenas pelas anemias, diarréias infecciosas e demais doenças transmissíveis.

A mortalidade por doenças transmissíveis atingiu, em 1973, a taxa de 200,3 óbitos em cem mil habitantes, sendo que as cidades satélites de Planaltina, Gama, Núcleo Bandeirante, Ceilandia e Brasilândia, apresentaram taxas muito superiores. Os óbitos reduzíveis por ações no campo do saneamento alcançaram a 135,5, em 1973, baixando no ano passado para 82,6 casos por grupo de cem mil habitantes. Foram registrados, em 1974, 28 óbitos causados por doenças preveníveis por imunizações. A Ceilandia apresentou no ano passado um índice de mortalidade infantil muito elevado (118,4 m por mil), seguida de Brasilândia (104,3 por mil), taxas iguais ou superiores à média brasileira (105 por mil). As diarréias infecciosas foram as responsáveis, naquelas comunidades, respectivamente, por cerca de 47 e 45,3 por cento da mortalidade infantil.

POPULAÇÃO E SANEAMENTO

Para os especialistas em saneamento do Distrito Federal, a própria topografia de Brasilia e o seu clima muito seco fazem dela uma cidade com pouca água. Entre as três bacias — São Francisco, Amazonas e Paraná — Brasilia está situada numa "cabeça de rio" e é alimentada por correos e rios pequenos, insuficientes para atender ao crescimento explosivo da população. O lençol subterrâneo que se sabe existir está situado em profundidade que não favorece economicamente sua captação, tornando-a bastante onerosa, afirmam técnicos da CAESEB — Companhia de Água e Esgoto de Brasilia.

O Distrito Federal ocupa uma área de 5.771 quilômetros quadrados e tem no momento uma população de 761.624 habitantes, dos quais 29.523 na zona rural, distribuídos através do cinturão verde, área circundante. Os restantes 732.101 residem na área urbana; no plano piloto, 192.477 habitantes. Taguatinga, 183.216; Ceilandia, 106.306; Gama, 91.409; Guará, 64.509; Sobradinho, 49.876; Planaltina, 20.831; Núcleo Bandeirante, 12.682 e Brasilândia, 10.763 habitantes.

No plano piloto residem 45.503 famílias, distribuídas por 40.953 residências com o menor índice de densidade demográfica por habitação. A seguir, Taguatinga com 21.942 moradias para 38.170 famílias; Ceilandia, 15.296 casas para 21.919 famílias; Gama, com 13.522 para 17.545; Guará, 11.258 para 12.406; Sobradinho, 7.115 para 9.995; Planaltina, 2.885 para 3.879; Núcleo Bandeirante, 2.003 para 2.664 e finalmente Brasilândia com 1.578 moradias para 2.006 famílias.

O crescimento demográfico de Brasilia — absurdamente rápido, para os especialistas em saneamento — é a causa principal dos problemas relativos às redes abastecedoras de água potável e coletora de esgotos.

Os orçamentos destinados a estes serviços estão sempre aquém das necessidades exigidas.

No momento, a Codeplan — Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central, vem elaborando um levantamento completo das condições de saúde e saneamento da população de Brasilia, uma vez que nada existia ainda, a este respeito.

Para os técnicos da CAESEB, o Distrito Federal é considerado um local bem dotado em abastecimento de águas, esgotos e redes pluviais. É feita uma exceção a Ceilandia, que não conta com um metro seco de assentamento de coletores de esgotos sanitários, sendo utilizados o sistema de fossas sépticas. Sem asfalto, quando chove, Ceilandia se torna um lamaçal, exalando mau cheiro. A rede de água potável é inferior às redes de Guará, Sobradinho, Gama, Taguatinga e plano piloto. No entanto, Ceilandia ocupa o

ato lugar em densidade demográfica, com uma média de 6.93 moradores por residência, índice só superado por Sobradinho, Planaltina e Taguatinga.

O plano piloto conta com uma rede de água potável de 1.165.128 metros, seguindo-se Taguatinga, com 405.795; Gama, 43.350; Brasilândia, 158.585; Guará, 138.797; Planaltina, 43.360; Brasilândia, 37.369 e o Núcleo Bandeirante, com 1.592 metros de rede de água potável. No momento, Taguatinga e Gama sofrem crises em seu abastecimento de água.

Quanto aos assentamentos de redes de esgotos sanitários, o plano piloto conta com 317.042 metros, seguindo-se Sobradinho com 137.963; Taguatinga, 125.416; Guará, 65.111; Gama, 33.154; Planaltina, 16.190 e o Núcleo Bandeirante, com 11.272 metros. As cidades satélites de Brasilândia e Ceilandia são as únicas que ainda não foram beneficiadas com redes de esgotos.

O Plano Piloto possui duas estações de tratamento de esgotos, uma na Asa Sul e outra na Asa Norte. O sistema de fossas sépticas é usado no setor de chácaras e mansões do Plano, porque as autoridades sanitárias consideram antieconómica a construção de uma rede de esgotos onde os lotes obedecem a um padrão rigoroso de tamanho variando de 10 a 20 mil metros quadrados. Convém lembrar que o setor de mansões — que abrange inclusivamente a península onde residem os ministros, é uma das áreas situadas a margem do lago Paranoá. Com exceção das quais áreas, todas as restantes estão ligadas através de redes de esgotos às estações de tratamento. Quanto às redes das cidades satélites, são todas insuficientes, havendo necessidade de uma complementação por fossas sépticas. Taguatinga é a que apresenta situação melhor com relação às demais cidades satélites, mas, mesmo assim, 5 por cento de suas residências não estão ligadas à rede coletora de esgotos.

O LAGO PARANOÁ

Um dos problemas mais discutidos em Brasilia é o da poluição do lago Paranoá, às margens do qual estão situados os clubes da cidade, as sedes das representações diplomáticas, as residências dos ministros e ainda a população considerada como a de mais alto poder aquisitivo.

Para os especialistas em saneamento do Distrito Federal, a poluição do lago Paranoá teve início com a construção da cidade. Os primeiros núcleos habitacionais formados durante a construção de Brasilia foram-se agrupando às margens dos rios tributários que logo formariam o lago através das barragens construídas com esta finalidade. Por ocasião do fechamento das comportas, em setembro de 1959, já havia no fundo do lago resíduos de matéria orgânica oriunda da população que ali habitava e detritos resultantes da construção da cidade. A subida do nível das águas do lago também contribuiu para o aumento da poluição ao cobrir milhares de fossas de habitações que antes haviam existido às suas margens.

A ocupação agrícola da bacia do Riacho Fundo, segundo especialistas, também contribuiu para a canalização, através de seus tributários, de pesticidas e adubos que vão ter ao lago, através de suas correntes. Os esgotos sanitários no período das secas, e as águas pluviais e os correos tributários no período das chuvas, são considerados como os maiores agentes poluentes do lago Paranoá. As estações de tratamento de esgotos das Asas Norte e Sul apenas modificam os esgotos, de acordo com a opinião de alguns técnicos, acelerando a sua decomposição pela oxidação da matéria orgânica sem que haja efeito na redução dos nutrientes de algas, nitrato e fosfato.

Para muitos dos especialistas em saneamento do Distrito Federal, seria impossível acabar com a poluição do lago Paranoá, uma vez que esta medida implicaria numa restrição ou controle de atividades em toda região. O que se pretende, dizem, apenas restringir as formas de poluição, atuando nos sistemas de esgotos sanitários, no próprio lago, e impedir a continuação de atividades incompatíveis existentes nos tributários.

O sistema de dragagem com que revolve a camada nutriente depositada no fundo do lago, deve ser evitado. O sistema ideal deveria ser o da retirada do excesso de algas, por uma barcaça; desta forma, a sua decomposição seria menor e o teor de oxigênio na água seria compatível com a necessidade dos peixes — afirmam os técnicos.

O lixo calçado anualmente em Brasilia, cerca de 102.973 toneladas, é transformado em adubo por uma usina de tratamento. O adubo, de três qualidades diferentes, é utilizado nos jardins e nos já famosos gramados de Brasilia.

ASSISTÊNCIA

Na parte de saúde, o Distrito Federal conta para o atendimento de sua população com 24 unidades hospitalares entre estabelecimentos particulares e oficiais.

Exercem a profissão um total de 1940 médicos e 567 dentistas. Os primeiros em média de um para 393 habitantes, e os dentistas, numa proporção de um para cada grupo de 1343 pessoas. A taxa de mortalidade no Distrito Federal por mil habitantes foi de 6,5 em 1974.